

Uma Perspectiva da Análise do Discurso: A Ideologia Integralista Expressa em Imagens Virtuais

Larissa Leonel

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar aspectos do discurso integralista através de imagens produzidas na década de 1930 no Brasil, bem como, de imagens atuais coletadas em *sites* da internet. Produções visuais do movimento na década de 30-40, como também de grupos neo-integralistas, estão disponibilizadas em diversos sites que propagam a ideologia ou têm por objetivo preservar a história da mídia, como é o caso do Arquivo Público de São Paulo, que possui um cervo digitalizado com diversos jornais e revistas que datam desde o início do século XX até o período ditatorial brasileiro (site este que nos serviu de fonte). A maioria das imagens coletadas e trabalhadas são voltadas ao campo político-ideológico do Integralismo, ou seja, dizem respeito à Nação, em específico ao combate ao Liberalismo e ao Comunismo, grandes inimigos nacionais, conforme afirmava o líder Plínio Salgado. Num primeiro momento apresentamos uma panorâmica sobre o discurso, com base em obras teóricas, como *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos* de Eni P. Orlandi, *A Análise do Discurso: história e práticas* de Francine Maziere, *Novas tendências em Análise do Discurso* de Dominique Maingueneau e *Linguagem e Ideologia* de José Luiz Fiorin. Posteriormente, trabalhamos com as diferentes formas de representação de sentido, inserindo na seqüência discussões em torno da imagem, com referencial de Pierre Bourdieu, em *O poder Simbólico*, e também Artur Freitas, Martine Joly, Paulo Knauss e Pierre Sorlin. Após uma breve discussão, percebemos que fica evidente que o discurso além das palavras, pode ser materializado por outras formas de representação criadas pelo homem, uma vez que este vai empregar o uso da “ideologia” para sua produção, ou seja, estará inserindo em motivações, sentidos e no aspecto simbólico. Analisando, interpretado e compreendendo uma panorâmica da ideologia inserida nas imagens integralistas, percebemos o quanto o uso formal, temático e expressivo é explorado a fim de convencer e comover o receptor da mensagem, fazendo-o condescender à persuasão discursiva implícita na ferramenta visual da propaganda política, ou seja, o quanto o movimento se preocupava em “proteger” o Brasil das influências exteriores, que destruíam a então Nação, e como o Integralismo se preocupava com a forma como os comunistas os descreviam. Assim, além de utilizar para decifrar os sentidos ideológicos integralistas, podemos ainda usar da análise do discurso para também interpretar e compreender o sentido de outras produções históricas, como é o caso dos discursos políticos atuais, mostrados pela oposição partidária das eleições, da chamada “cultura política”, ou mesmo da forte persuasão discursiva utilizada nos discursos educacional presentes nos livros didáticos.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; Integralismo; Imagens; Internet.

1. Análise Do Discurso, Imagem E Possibilidades

A Análise do Discurso (doravante AD) tornou-se uma forte tendência metodológica a partir do final da década de 1960¹, vários foram os trabalhos relevantes sobre seu uso, e inclusive sobre sua teorização. Podemos perceber que mesmo sendo um aparato metodológico dos estudos lingüísticos, a AD também é uma ferramenta para diversas áreas. Segundo Maziere (2007, p. 106), a abordagem é “pluridisciplinar ou, sobretudo, transdisciplinar”, ou seja, não é unicamente uma disciplina voltada a um uso interdisciplinar de outras ciências, são várias ciências que necessitam de relação para que a abordagem exista. Devido a isso é que as Ciências Humanas (tais como Filosofia, Sociologia e História) são as fortes aliadas da Lingüística.

Segundo Fiorin (2000, p. 10), precisamos dissociar o discurso da língua e da fala, para então prosseguirmos para a análise. Compreendemos que a língua é um sistema virtual-abstrato, ou seja, é baseada em sinais, normas e formas de pronúncia; a fala é a concretização da língua, é o método da língua; o discurso também materializa a língua, mas difere-se por empreender o uso dos sentidos, do simbólico relacionado ao contexto sócio-histórico do homem. Essa questão que difere o discurso da fala (e mesmo que diferencia a língua do discurso) é crucial, pois na AD não buscará interpretar e compreender a língua em seu sistema estrito, e sim, “a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.” (ORLANDI, 2001, p. 16).

Encontra-se na “produção de sentidos” um dos aspectos mais importantes para este trabalho, a questão da ideologia no discurso, que segundo Eni Orlandi (2001, p. 16), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. É nesta perspectiva que se compreende que a “língua não é transparente” (MAZIERE, 2007, p. 16), sendo assim, tudo que o homem fala possui um sentido, logo, “a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”. (ORLANDI, 2001, p. 25).

Entretanto, precisamos entender que o discurso, enquanto a manifestação dos sentidos que a fala cria a partir do pronunciamento de um sujeito, não se restringe somente a língua como forma de representação, o uso da imagem como expressão simbólica remete-se a um costume antigo, porque mesmo antes da palavra, o homem utilizou-se de imagens para representar sua vida, para passar mensagens, para “falar” de forma implícita. Segundo Pierre Sorlin (1994, p. 84) “a imagem é uma prática humana extremamente antiga. A imagem precedeu à escrita. É até possível imaginar que, em alguns casos, a imagem e a palavra tenham se desenvolvido simultaneamente”. Desta forma, percebemos como as representações visuais tiveram considerável importância para o homem expressar-se, não somente em tempos antigos, mas também atuais, e são essas manifestações que servem de fontes também para a AD. Exemplos de trabalhos nessa perspectiva destacam-se os de Philippe Áries, Michel Vovelle, Georges Duby e Carlo Ginzburg.

Tratando do desafio de fazer História com imagens, Paulo Knauss aponta reflexões sobre a historiografia e o processo de institucionalização dos estudos visuais a partir da afirmação do conceito de “cultura visual”, que inicialmente pode-se caracterizar uma definição abrangente, que aproxima o conceito de cultura visual da diversidade do mundo das imagens, das representações visuais, dos processos de visualizações e de modelos de visualidade. Nesse sentido, podemos destacar que a imagem possui um registro abrangente, baseado em um dos sentidos que caracteriza a condição humana, a imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão. Conforme destaca Knauss (2006, p. 99), ao tratar das dinâmicas sociais e a imagem, temos:

Essa postura, que compreende o processo social como dinâmico com múltiplas dimensões, abre espaço para que a História tome como objeto de estudo as formas de produção de sentido. O pressuposto de seu tratamento é compreender os processos de produção de sentido como processos sociais. Os significados não são tomados como dados, mas como construção cultural. Isso abre um campo para o estudo de dos diversos textos e práticas culturais, admitindo que a sociedade se organiza, também, a partir do confronto de discursos e leituras de textos de qualquer natureza – verbal escrito, oral ou visual.

Assim, é preciso levar em conta quando se trabalha com a imagem no âmbito discursivo, que ela vai exigir métodos para descobrir suas mensagens implícitas, sua linguagem simbólica, pois assim como a língua, o mito, a religião, as artes também são tidas como “formas simbólicas” (BOURDIEU, 2000, p. 8), e desta forma, são cheias de sentidos e significações. Assim, primeiro passo para a análise seria traçar um objetivo. “O trabalho de um analista é precisamente decifrar as significações que a ‘naturalidade’ aparente das mensagens visuais implica” (JOLY, 2002, p. 43), ou seja, até que grau a imagem passa de realidade, quais são as motivações do autor em representá-la de determinada forma e não de outra, e o mais importante é que ao analisarmos, muitas vezes precisamos nos colocar no lugar de receptores, pois a interpretação depende do analista avaliar os sentidos transmitidos pela imagem na forma como ela tenderia a “intencionar” ao receptor na época em que foi produzida. Vemos desta forma, que a imagem apresenta a potencialidade de várias interpretações.

Segundo Freitas (2004, p. 10), podemos elencar alguns níveis/âmbitos de interpretação da imagem, que procuraremos, dentro das possibilidades, utilizarmos a seguir:

- a) *Âmbito Formal*: a plástica, a composição da imagem, cor, contrastes, diagramação, espaço profundo, volumes, enquadramentos, ângulo, sobreposição de planos, a mimese, deformações, o tratamento, contornos, formas, texturas;
- b) *Âmbito Temático*: a cena representada, personagens, objetos e ambientes, a narrativa, temporalidade da imagem, a encenação, o caráter performático da cena, a impressão de naturalidade e espontaneidade, o posado e o aspecto de artificialidade;
- c) *Âmbito Expressivo*: o efeito emocional e subjetivo do observador, qualidades emotivas (como: trágico, dramático, gracioso, lírico, sóbrio, cômico), a utilização da imagem visando fazer apelo a determinada ideologia.

Cabe salientar que no trabalho com a imagem que cada historiador pode privilegiar a dimensão que mais se adapte ao seu problema de pesquisa, assim, reforçamos que o analista precisa levar em conta o contexto do surgimento/criação da imagem. De que lugar está o autor que produz a imagem, qual sua motivação, para quais receptores a imagem esta sendo produzida, e quais as possíveis interpretações instigadas com o uso de determinado símbolo; identificar o autor, para quem produz, porque produz, e em casos específicos, a interpretação do receptor, como ele capta os sentidos de determinadas formas, e qual seu contexto histórico que o faz compreender estes sentidos de tal forma. Todas essas questões são pertinentes ao analista, ao uso da AD. O objetivo é ao menos conseguir desvendar as evidências a cerca da formação discursiva e, sobretudo, da formação ideológica. O analista deverá estar preocupado em salientar quais foram as determinações da representação e do pensar, respectivamente. Esse é o maior sentido na AD: revelar os sentidos, analisar o ideológico e o discurso do sujeito, segundo Maingueneau (1989, p. 14), em sua “posição sócio-histórica”, sejam os sentidos escritos, desenhados, pronunciados ou ocultados.

1.1 - A Internet Como Fonte/ Possibilidade De Pesquisa

Presenciamos na atualidade um grande progresso tecnológico, vivemos na chamada “Era Digital”. Contribuições do século passado foram aprimoradas, e hoje temos uma gama de diversos inventos que parecem ter tomado a vida prática, ao mesmo tempo em que temos a

impressão de termo-nos tornados “dependentes” de certos objetos e instrumentos, como é o caso do celular, e principalmente da internet².

Este novo meio de comunicação trouxe revoluções em seu uso, permitindo o acesso de diversas pessoas em inúmeros lugares do mundo, possibilitando a comunicação e disponibilizando diversas informações³. Para praticamente todos os assunto que se procure, a internet apresenta algo a respeito, as imagens das mais diferentes categorias também permeiam esse espaço virtual.

Mas quando se fala de pesquisa científica ficamos intrigados, pois uma pesquisa de tal nível pode utilizar-se da internet, já que esta é um meio de comunicação de fácil acesso e manipulação? Há os sites mais confiáveis de utilizar-se como fonte, caso este é o dos Arquivos Públicos, prefeituras municipais, de instituições, como as universidades, que utilizam da internet para divulgar os trabalhos publicados reunidos em acervos digitais. O uso desta nova ferramenta é possível quando a internet é o meio propagador da mídia escrita, de jornais, revistas e mesmo de programas de televisão e imagens, se torna confiável quando o site pode comprovar a fonte de onde as informações foram retiradas. O que não excluí, porém, o uso de outros, pois nas possibilidades de pesquisas, mesmo os *sites* ou imagens “não confiáveis” tornam-se objetos de estudos, analisando suas diferentes motivações, a “manipulação” da informação.

No presente trabalho utilizamos sites que divulgam a mídia digitalizada. Mesmo não sendo uma fonte palpável, revela-se uma fonte “real”, que existiu e, que por meio da internet tornou-se acessível aos estudiosos e interessados nesse tipo de material. Esse é o caso do site do Arquivo Público de São Paulo, que trabalha com a questão da Memória da Mídia e divulga nessa sessão jornais e revistas antigas digitalizados. Há ainda, o uso de sites que propagam a ideologia integralista, sites estes que representam os diversos movimentos formados a partir de 2004, e que através da internet tentam mobilizar a sociedade a conhecer suas propostas. Cabe lembrar que este é um material tendencioso que requer cautela, pois suas informações são “manipuladas” de forma a ressaltar o movimento integralista e o neo-integralismo. Tendo em mente esse cuidado e utilizando isso como contextualização para a análise do discurso na atualidade, reforçamos assim que a internet pode ser uma importante fonte de pesquisa.

Não há como negarmos que entre as renovações das fontes e problemas históricos (já inauguradas por pesquisas impulsionadas com a Nova História Cultural⁴, na segunda metade do século XX), encontra-se a questão da mídia, onde de modo específico a internet e seus diversificados conteúdos revelam-se um campo profícuo, complexo para pesquisas.

2. Das Raízes A Atualidade Do Movimento Integralista: Aspectos Históricos E Ideológicos

Iniciada em março de 1932 como S.E.P. (Sociedade de Estudos Políticos), com uma reunião de Plínio Salgado⁵ com vários outros intelectuais em São Paulo, a Ação Integralista Brasileira (A.I.B) ganharia diversos adeptos nacionais após sua oficialização como movimento ideológico através do *Manifesto de Outubro de 1932*. Embora a história seja muito mais detalhada, este trabalho não tem a finalidade de retomar o contexto histórico por completo da época, mas sim fazer o leitor compreender as perspectivas da ideologia do Integralismo.

No Manifesto temos os indicativos da máxima expressão do movimento, o uso do lema: *Deus, Pátria e Família*, pronunciado anteriormente pelo presidente Afonso Pena, e incorporado ao discurso integralista como pilar ideológico. A *Família* era a base de tudo:

Ela é a base da felicidade na terra. Das únicas venturas possíveis. Em que consiste a felicidade do Homem? Nessas pequeninas cousas, tão suaves, tão simples: o afago de uma mãe, a palavra de um pai, a ternura de uma esposa, o carinho de um filho, o

abraço de um irmão, a dedicação dos parentes e dos amigos. (Manifesto de Outubro de 1932)

A Pátria para Plínio ocupava um espaço especial em seus estudos. Pátria significava “o lar dos brasileiros”, na visão integralista falar de *Pátria* era se remeter a questão da Nação, do nacionalismo:

A Nação Brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso precisamos de que todos os brasileiros estejam unidos. [...]O nacionalismo para nós não é apenas o culto da Bandeira e do Hino Nacional; é a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da Pátria e do valor de um povo. (Idem)

Por fim, *Deus* significava “a certeza de que nossa existência é um fenômeno essencialmente transitório, condicionado a uma aspiração eterna, superior” (SALGADO *apud* ARAÚJO, 1988, p. 31), ou seja, que há uma figura divina maior que guia o destino da sociedade. Plínio ressalta neste aspecto o lado espiritual do homem, que longe de Deus, acaba se corrompendo pelo materialismo.

Sendo estes os três principais aspectos da ideologia, temos:

O amor de Deus é a única centelha de luz que ilumina a existencia do homem. O amor da Patria é primeiro fogo ateado ao coração do adolescente. O amor da Familia é a evidencia maxima que assegura a superioridade humana sobre os irracionais. Pae, filho e Espírito Santo, trindade em uma única pessoa... Deus, Pátria e Familia é a trindade indissolúvel na vida social e ponto de partida de civilização humana... Si tirardes aos homens o amor da Patria, vereis aos trinta dinheiro iscarotes brotarem forças e guilhotinas das entranhas da terra. Si tirardes aos homens o amor da familia, vereis os comunistas moscovitas profanarem a virgindade de suas filhas. Deus, Patria e Familia, único alento da passagem humana pelo orbe: Terra. (WERKHÄUSER, 1936, p. 1)

Desta forma, percebemos as razões que faziam o movimento ser contrário ao comunismo e ao capitalismo, uma vez que por serem influências externas acabariam rompendo com a unidade nacional. O capitalismo geraria um homem individualista, concentrado em sua racionalidade e apegado a tudo que gera o prazer material, ao que o capital promove. Nesta sociedade capitalista, acusada por Plínio como *ateísta*, as pessoas “valem pelo que possuem, não pelas suas virtudes” (SALGADO *apud* ARAÚJO, 1988, p. 42), valem pelo material, não pelo espiritual, que é afogado em meio as ansiedade de ganância, egoísmo e competição. O poder capitalista, embutido nos grandes industriais, chefes de estados, segundo Plínio, faz com que o resto da sociedade permaneça alienada para produzir, obediente para acatar as regras que ditam, e dóceis evitando revoltas, fato que provém já da própria alienação.

O comunismo, por sua vez, é muito mais criticado pelo movimento, uma vez que é tido como seu maior inimigo. Para os integralistas o comunismo representava uma forma ideológica semelhante ao capitalismo, porém de forma pior, como demonstra Araújo:

Passando a ser o único patrão, o estado suprime o individualismo, mas somente com uma intenção: a de transformar todos os homens em escravos, em ‘anões’, ‘pigmeus’ que, obrigados pelo uso da força, trabalham sem descanso para satisfazer as exigências dos seus novos mestres reunidos em torno do estado. (1988, p. 48)

E como expressa também o *Manifesto de Outubro de 1932*:

O comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana para melhor escravizar o homem à coletividade; destrói a religião para melhor escravizar o ser humano aos instintos; destrói a iniciativa de cada um, mata o estímulo, sacrifica uma humanidade inteira, por um sonho, falsamente científico, que promete realizar o mais breve possível, isto é, daqui a 200 anos, no mínimo.

Por fim, é sucinto demonstrar que por mais que o movimento tivesse uma curta duração ao que concerne a participação política enquanto partido, o movimento conseguiu criar núcleos em praticamente todas as regiões do país, aderindo a ele um grande número

popular, tanto das classes médias quanto de intelectuais, chegando a ser considerado como o primeiro partidos de massas do país.

Após a saída de Getúlio Vargas do poder, foi criado o PRP – Partido de Representação Popular – em 1945, constituindo novamente o Integralismo como um partido político e disseminando sua doutrina em todas as eleições que houveram até o ano de 1965, quando foi proibido pelo Ato Institucional nº 2 devido a ditadura que se instalou no país. Nesse período o movimento ainda tinha significativa coesão entre seus membros⁶.

O que viria a surgir depois e o que temos atualmente o surgimento de grupos que tentam manifestar o Integralismo, entretanto, cada grupo possui alguma especificidade. Após a morte de Plínio Salgado (1975), foi fundado em 1989 um novo centro cultural em São Gonçalo (RJ) chamado de C.C. Plínio Salgado (CCPS), que abriu um novo debate sobre a doutrina integralista. Em 2001 foi lançado um novo manifesto, o *Manifesto Integralista de 2001*, que traz novas concepções a cerca das condições que o Brasil viria passando, e renova propostas políticas. Embora um novo manifesto não tenha sido o suficiente para revigorar o movimento, alguns sites apontam que em 2004 surgiu uma nova tentativa de reviver o integralismo, a partir da realização do Primeiro Congresso Integralista para o Século XXI. Entretanto, que em vez de gerar concordância entre os participantes, gerou a criação de discordâncias e a fundação de quatro novos movimentos: o Movimento Integralista Brasileiro (MIB) e o Conselho Nacional Integralista; o Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B); a Ação Integralista Revolucionário (AIR); e a Frente Integralista Brasileira (FIB).

Apesar dos grupos atuais (o que podemos chamar de neo-integralismo) não possuem grandes representações políticas no cenário nacional ou mesmo não obterem um expressivo número de participantes, os mesmos buscam se articular fomentando a realização de encontros e congressos, bem como, a criação de sedes e núcleos. Mas nos parece ser principalmente através da internet que os grupos que constituem o neo-integralismo, buscam difundir suas propostas e ideologias, através de diversificadas formas de discursos, apostando principalmente no uso da imagem e da linguagem visual, seja através de fotos recuperadas da trajetória histórica do Integralismo e suas lideranças, fotos recentes, através de charges, ou mesmo de vídeos acoplados em seus sites, que propagam um conteúdo de carga ideológica e simbólica bastante significativa.

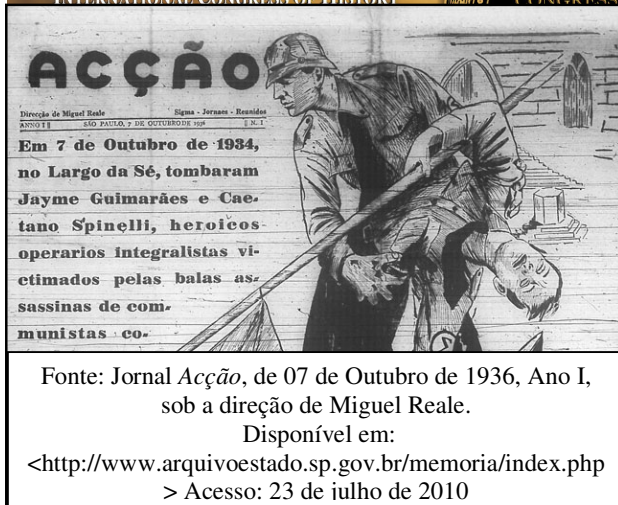
3. Análise De Imagens Envolvendo O Integralismo

Verificamos até o momento aspectos voltados à AD e o uso das imagens como possibilidade de pesquisa. Após abordar sucintamente referências sobre internet, fazer um levantamento da ideologia integralista, passamos agora a elencar e analisar algumas das inúmeras imagens em torno do Integralismo.

3.1 – Imagem I

A primeira imagem é extraída do Jornal *Acção* em sua primeira publicação, que data de 07 de outubro de 1936 (sob a direção de Miguel Reale⁷), a qual nos possibilita duas análises, uma em discurso referente à palavra (campo lingüístico) e outra à imagem (campo simbólico).

Quanto ao âmbito formal, a imagem tem a cor preta e degrades de preto/cinza sob o papel jornal, temos o implemento da noção de sombra (mesmo que desfocada), dando uma idéia de imagem em movimento, uma cena em ação. Temos a noção de profundidade e de contorno na imagem, o ângulo frontal do acontecimento retratado é privilegiado em primeiro plano, e na imagem/desenho é dado lugar de destaque para a assinatura do artista.



No âmbito temático percebemos que a imagem refere-se a um momento de confronto, tanto pela situação dos personagens quanto pela condição de seus uniformes, que aparentam estar “sujos” e com manchas de sangue, pois um deles está ferido. Tanto pela produção do material quanto pela escrita ao lado, percebemos que os homens representados são identificados como integralistas, pois seus uniformes e a bandeira que carregam possuem o símbolo do Sigma, símbolo derivado da

matemática, que foi incorporado pelo Integralismo como representação do Estado único e integral. Ao fundo há a preocupação de constituir um cenário, com muros e portas, o que nos dá referência a uma rua ou praça. Numa análise da encenação dos personagens percebemos, apesar de num primeiro momento transmitirem a sensação de espontaneidade, que se revelam posados com aspectos de artificialidade e intencionalidade. Um sendo carregado pelo companheiro devido a ferimentos do confronto, não deixa a bandeira do movimento cair, objetivando causar comoção por estar mesmo ferido e não abandonar a causa. No âmbito expressivo da imagem, identificamos um forte efeito emocional subjetivo, enaltecendo qualidades emotivas, a representação trágica e dramática, que além de apresentar os dois personagens vitimados, busca fazer um apelo à determinada ideologia, em detrimento de outras.

O discurso escrito, por sua vez, trás o local e a data do acontecimento que a imagem tende representar: é o dia 7 de outubro de 1934. Fato conhecido como “Revoada dos Galinhas Verdes”, foi causado pelo enfrentamento de integralistas contra comunistas na Praça da Sé, em São Paulo. O motivo de “galinhas verdes” se dá pela versão dos fatos segundo os comunistas, onde os integralistas haveriam perdido o confronto, e estes alarmados com a situação, saíram correndo sem sentido de direção e acabaram perdendo suas camisas. Assim os comunistas os retratam como “galinhas” referindo-se ao sentido de covardia, e “verde” da cor do uniforme dos integralistas. Além da data e da menção do acontecido, a escrita também trás o nome dos integrantes do movimento mortos em combate: Jayme Guimarães e Caetano Spinelli. O uso das palavras neste pequeno trecho indica a intencionalidade dos integralistas em contestar a versão dos comunistas, pois trazem que os comunistas atacaram “covardemente intocaiados”, ou seja, foram fracos, medrosos e atacaram escondidos, e os integralistas foram “heróicos”, lutaram em prol do Integralismo, e que conforme o discurso nacionalista que o movimento propunha, foram fortes e fiéis para defender a Nação, principalmente das eleitas “forças do mal” (como o comunismo e o liberalismo).

Podemos considerar por fim que a imagem representou os integrantes que foram mortos no combate de forma acentuada, tentando desmitificar uma imagem desmoralizada criada pelos comunistas. A bandeira em cena, o movimento dos personagens expressam bravura em prol da defesa da ideologia, assim como os termos exacerbados da escrita, que nos fazem perceber claramente a intenção do autor da imagem, do texto e do editor do jornal.

3.2 – Imagem II



Imagem: capa da Revista Anauê!,
abril 1936, ano II, n. 9. Disponível
em:
< <http://www.integralismo.org.br/>>.
Acesso: 23 de julho de 2010.

A segunda imagem escolhida sugere o ideal contra o estrangeiro que Plínio Salgado alimentava em sua doutrina. Numa das capas da Revista *Anauê!*, a imagem congrega uma gama de símbolos, bem como cores e traços. O uso do verde, do vermelho, azul, branco e tons de pele indígena (cabocla), nos chamam a atenção. Percebemos a noção de espaço profundo na imagem, dotada de vários planos de significância e importância. Em meio as diferentes cores, temos o emprego de luz e sombra na imagem, bem como uma noção própria de perspectiva. O ângulo frontal do principal acontecimento retratado também é privilegiado no primeiro plano, e na imagem/desenho/capa é dado lugar de destaque para a escrita característica do nome da revista, na parte superior.

No âmbito temático da imagem identificamos várias representações que compõem a obra, no primeiro plano destaca-se a representação de duas mãos, a primeira da cor verde e a segunda da cor vermelha. Nas décadas de 1920 a 1940 observamos que diversos partidos políticos usaram de cores para representar sua ideologia (como por exemplo, o preto usado pelo fascismo, desta forma não poderia ser diferente com o comunismo, que aderiu a cor vermelha, nem o Integralismo, que se utilizou da cor verde, que referia

tanto ao verde da cor da bandeira nacional brasileira como a cor dos uniformes que utilizavam). Percebemos no pulso da mão verde a representação da bandeira e símbolo integralista, a Sigma envolta por um círculo branco e fundo azul, e na mão vermelha, a estrela vermelha com contorno branco, uma das representações da bandeira comunista, a qual segura um punhal.

Na seqüência temos a figura de um homem que está de costas olhando despercebido para o horizonte, sem identificar as mãos. Sua fisionomia, traços e cor da pele remetem a uma figura indígena, como notado também pela plumagem que carrega em sua cabeça e pelo arco e flecha ao lado. Identificamos assim, que a figura desse homem refere-se ao que Plínio chamava de “identidade nacional” brasileira, na década de 1930. Em uma contextualização desde o Período Colonial, Plínio vai apontar que a miscigenação entre os brancos, negros e índios foi essencial para formar o homem nacional, este chamado de *caboclo*: “e é justamente a figura do caboclo que vai garantir esta ‘espantosa’ unidade nacional que define o Brasil” (ARAÚJO, 1988, p. 54). Uma intensa mistura de sangue que aflora em todas as pessoas, garantindo uma “absoluta identidade racial” (Idem, p. 54).

Ao fundo, em outro plano avistamos uma paisagem voltada para a questão rural, percebemos uma casa mais ao fundo e um agricultor arando a terra com força animal, o que se assemelha a fisionomia de um boi.

Ainda nesse cenário vemos indústrias no lado direito da capa (em preto/sombra), estas se referem ao período de industrialização que o país iniciou com Getúlio Vargas (depois da Queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929). Percebemos que a referência a indústria está bem reduzida e ocupa um pequeno espaço na cena, representando que ainda era um processo lento e dizia respeito a uma pequena parcela da economia movida por esse setor, ou ainda pela intenção do autor em querer destacar a agricultura, uma vez que os ideais integralistas também eram contra o processo de industrialização por conta de necessitar de

investimentos estrangeiros, que provinham do liberalismo. Segundo o movimento, o homem do campo deveria ser evidenciado na economia brasileira. Como dissemos, na parte superior da imagem percebemos o nome da revista, *Anauê!*, a saudação usada pelos integralista, que é um nome de origem tupã que significa “você é meu parente”.

Juntando todas essas representações podemos agora interpretar a imagem como um todo, fazendo uso do âmbito expressivo da imagem. Identificamos assim, ser este um discurso integralista exaltado, onde o comunismo, assinalado pela mão vermelha, está querendo apunhalar pelas costas a figura do caboclo/índigena (ou seja, a figura do homem brasileiro, este que representaria a Nação). Atacar pelas costas é representado pelos integralistas como uma atitude covarde de querer destruir a unidade nacional. O Integralismo, por sua vez, se coloca atento e protetor no contexto que lhe cerca, ao trabalhador rural desatento e ao progresso em solo nacional. Percebemos então a forte mão verde sobrepondo a mão vermelha e a segurando com força, onde percebemos a mão bem fechada sobre o punho da outra, ou seja, o Integralismo estaria a serviço do Estado brasileiro para defender-lo, impedindo que os inimigos destruam a Nação. No âmbito expressivo da imagem, temos um efeito emocional e subjetivo na imagem, enaltecendo os ideais propagados pelo integralismo.

3.3 – Imagem III



Fonte: MIL-B - representação do Galo Tupã
Disponível em:
<<http://www.integralismolinear.org.br/site/>>. Acesso: 20 de julho de 2010.

Percebemos um discurso semelhante na imagem seguinte, no entanto, está revela-se com outras características, baseada nos preceitos da charge. Quanto ao âmbito formal da imagem, identificamos que a imagem é uma charge criada por um grupo neo-integralista, revelando-se uma produção recente (criada pelo MIL-B - Movimento Integralista Linearista Brasileiro, e também utilizada pelo SENE - Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista, relacionada ao Integralismo).

Na charge são empregadas diversas cores, escolhidas de forma estratégica, sendo carregadas de significados. O verde tem papel de destaque, o uso da representação geográfica nacional através do mapa, aspectos da “caricatura” e a criação de personagem com traços específicos e estratégicos compõem a

imagem. No emprego dos personagens, observamos traços e elementos que deformam a realidade, uma caracterização que remete de sentidos à imagem. Apesar de parecer estar em um único plano, o enquadramento utilizado privilegia determinado personagem. A mesma possui um fundo claro, visando evidenciar a cena principal, bem como, apresenta uma noção de sombra deformada, que não condiz com a disposição da imagem. No âmbito temático da imagem, o que podemos perceber é uma referência à primeira imagem analisada, pois quando os comunistas apelidaram os integralistas de “galinhas”, estes tentaram reverter tal situação. Assim, “para se contraporem à pecha de galinhas-verdes, os integrantes da MIL-B escolheram como símbolo o Galo, que consideram guerreiro e valente ao defender seus domínios” (CARNEIRO, 2007, p. 157).

Na imagem, O Galo Tupã é apresentado como um sinal de bravura, onde percebemos na imagem, que o mesmo é desenhado com traços de força, robustez e autoridade (muito mais do que um simples mascote), percebemos ainda que ele veste uma camisa verde com o símbolo do Sigma e ao lado uma pequena letra “L”, a qual representa o Linearismo.

Assim como a expressão “Anauê”, de origem tupi, os integralistas usaram *tupã* para o nome do galo, expressão essa, muitas vezes interpretada como figura divina. Os indígenas chamavam Tupã o trovão, e mais tarde passaram a denominar Deus.

Verificamos na imagem através da caracterização de uma “lagarta” ou “verme”, a presença de duas figuras bastante conhecidas: a do Leon Trotsky, como símbolo do comunismo, e o Tio Sam, como o símbolo do capitalismo norte-americano. Por fim, temos a representação do Brasil pelo mapa pintado em verde, o qual falta uma parte comida pelo “verme”. É importante lembrar que as duas figuras assinaladas têm conotação ideológica de movimentos político-econômicos aos quais, Plínio Salgado era explicitamente contrário, como vimos anteriormente. Plínio acusava-os de fomentar a humanidade ateuista, “pois tanto um como o outro não passam de uma só cabeça, com duas caras, cabeça ligada ao mesmo corpo, que é o materialismo” (SALGADO, *apud* ARAÚJO, 1988, p. 48). Daí compreendermos porque o autor utilizou o desenho de um só corpo para os dois movimentos, este corpo que é um verme anelídeo.

Desta forma a imagem nos mostra que o Integralismo está defendendo o país, pois o Galo Tupã segura com suas garras o verme, símbolo do comunismo e do capitalismo. As garras estão fechadas com força como é representado no corpo do verme que está enrugado na proximidade destas, e que a expressão de Trotsky e do Tio Sam é de dor, sofrimento, como se o Galo Tupã estivesse colocando um fim na “alegria” do “desprezível” verme, que comia feliz sua folha Brasil, que é representada por partes do mapa do país cortado, e alguns pedaços de folhas verdes próximo a boca das cabeças do “verme”. Sendo assim transmite a idéia de que o comunismo e o capitalismo estão “devorando” o país, ou seja, destruindo a nação e que, o integralismo está lá para defender e salvar a pátria, novamente. A proporção do verme está um tanto quanto exagerada na imagem, o que demonstra que apesar do tamanho avantajado do “terrível verme”, este não é páreo para o Galo integralista.

No âmbito expressivo da imagem temos o efeito subjetivo do observador. A princípio qualidades cômicas são visíveis, no entanto, além do efeito cômico próprio da charge temos um sentido heróico e de alerta. Novamente identificamos a utilização da imagem visando enaltecimento da ideologia.

Considerações Finais

O discurso Integralista representado por imagens é umas das possibilidades a serem trabalhadas com o uso da AD. A política⁸ em específico demonstra-se uma estrutura cheia de fontes para tal metodologia, pois vários foram as produções ideológicas surgidas nesse meio. No Brasil, na década de 30, percebemos que não somente Plínio Salgado foi responsável por elaborar discursos exacerbados sobre a ideologia que defendia, houve inúmeras representações concernentes a vários acontecimentos na época, que também causaram produções discursivas. Exemplo disto são as oposições da Revolução Constitucionalista de 1932, os discursos nacionalistas de Getúlio Vargas em seu Governo Provisório, o comunismo em solo nacional, ou mesmo questões internacionais, como imagens difundidas pelo partido nazista antes de 1939; ou mesmo os panfletos e jornais utilizados pela URSS durante a Batalha de Stalingrado em 1942.

O que deve ficar claro é que a AD não está presa há um tempo, como somente a década de 30 ou 40, vai muito além disso. Depende do historiador/ pesquisador escolher sua fonte, seu método, mas caso ele opte pela imagem, precisa compreender que, como destaca Aumont, a “imagem só existe para ser vista”, sendo assim, para representar algo de quem a criou para quem a capta, daí a relação orgânica que se constrói historicamente, a partir do contexto de quem produz para quem a vê.

A analogia, o espaço e tempo representado e a significação da imagem são importantes elementos analisados na estrutura desta, bem como o aspecto formativo, plástico, as cores, o aspecto temático, o expressivo, o emocional. Tudo isto deve ser levado em conta pelo analista, que interpretará as representações simbólicas que conotam sentidos referentes a um discurso ideológico implícito, mas totalmente intencional.

Fica perceptível então, que a análise da imagem apresenta a potencialidade de múltiplas interpretações. Sendo que o historiador pode reconstruir uma interpretação histórica, com problemáticas que vão além de suas interpretações pessoais e de sua ideologia. ...

Notas

1- Compreende-se que a Análise de Discurso possui um desenvolvimento e uma contextualização histórica significativa. Para maiores informações: MAZIERE, Francine. **A Análise do Discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. A obra pontua de forma mais abrangente o aprimoramento dessa perspectiva, citando outros autores importantes, além de Foucault.

2- Para maiores reflexões sobre o contexto atual e discussões sobre novas tecnologias e globalização, sugerimos: COSTA, Edmilson. **A globalização e o capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, 2008; BERTONHA, João Fábio. **Geopolítica e relações internacionais na virada do século XXI**. Maringá, PR: Eduem, 2006; IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

3- Tratando da perspectiva que enfoca a utilização da internet através da educação, temos alguns autores que podem contribuir para essa questão: Marli Fátima Vicki Vieira que trata do ambiente wiki na educação, sua abordagem é direcionada principalmente ao site Wikipédia dando ênfase também a sites semelhantes, ela levanta a questão da veracidade do conteúdo existente dentro desses sites e da possibilidade de se alterar estes conteúdos; temos ainda José Manuel Moran, com vários artigos sobre a informática e a educação dotados de diferentes abordagens sobre as facilidades que trouxe a internet para a educação, como por exemplo, a educação à distância, a internet como recurso didático, entre outros.

4- Entre outras contribuições, ver: PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte; Autêntica, 2005.

5- É no contexto intelectual-político-religioso da primeira metade do século XX, que se insere Plínio Salgado. Descendente de uma família católica e de certa tradição política é influenciado pela “revolução” artística modernista, pelas insurreições políticas do período, pelo contexto fascista europeu e pelos “novos rumos” e objetivos religiosos (sobretudo da Igreja Católica). A movimentação em busca do “espiritual”, do poder político, do integral, da moral e a atmosfera ligada à “neocristandade” e ao “catolicizar”, serão visíveis (dentro de suas particularidades) em boa parte das obras de Plínio Salgado.

6- Para maiores esclarecimentos sobre o PRP citamos a obra: CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

7- Miguel Reale foi advogado, jurista, professor, filósofo, ensaísta, poeta e memorialista, além de participante da Ação Integralista Brasileira como Secretário Nacional de Doutrina na década de 1930.

8- Exemplos de trabalhos inovadores na área da Nova História Política, aparecem a partir de historiadores como Raoul Girardet, Christophe Charle, Antoine Prost. O renascimento da história política, portanto, é evidente e perceptível no campo conceitual-teórico. O conceito de representação, categoria central da História Cultural, é incorporado pelos historiadores do político, principalmente nos estudos que se centram em torno do imaginário do poder, seus atores, discursos e simbologias.

Referências

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e Revolução: O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. A geração Atual. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, 2010.

_____. *Do Sigma ao Sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – A construção de Memórias Integralistas*. Rio de Janeiro: UFF, 2007.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999. (Coleção História).

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. n. 34, jul/dez, 2004.

JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. Tradução: Marina Appenzeller. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. In: *História, Arte & Imagem*. v. 8, n.12. Uberlândia: ArtCultura, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1989.

MANIFESTO de Outubro de 1932. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/>>; Acesso em julho de 2010.

MAZIERE, Francine. *A Análise do Discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas: as imagens, testemunhas da história. In: *Estudos Históricos*. Tradução: Anne-Marie Milon Oliveira. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.

WERKHÄUSER, B. *Deus, Patria e Familia*. Jornal O Boavistense, Erechim-RS, n. 40, 3 jan. 1936.